

## AS REPRESENTAÇÕES CARTOGRÁFICAS NOS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA: A ANÁLISE DE MAPAS COMO POSSIBILIDADE DE RACIOCÍNIO GEOGRÁFICO

THE CARTOGRAPHIC REPRESENTATIONS IN GEOGRAPHY TEXTBOOKS: MAP ANALYSIS AS A POSSIBILITY OF GEOGRAPHIC REASONING

LAS REPRESENTACIONES CARTOGRÁFICAS EN LOS LIBROS DIDÁCTICOS DE GEOGRAFÍA: EL ANÁLISIS DE MAPAS COMO POSIBILIDAD DE RAZONAMIENTO GEOGRÁFICO

Ana Geisa Barbosa Rocha <sup>1</sup>  
Andrecksa Viana Oliveira Sampaio <sup>2</sup>  
Alexsandro de Oliveira Silva <sup>3</sup>

**Manuscrito recebido em:** 20 de novembro de 2022.

**Aprovado em:** 07 de julho de 2023.

**Publicado em:** 12 de julho de 2023.

### Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar as representações cartográficas presentes nos livros didáticos e a possibilidade de desenvolvimento do raciocínio geográfico. O livro didático selecionado é o volume do 6º ano da coleção Geografia Geral e do Brasil dos autores Eustáquio de Sene e José Carlos Moreira, da editora Scipione, aprovado no Plano Nacional do Livro Didático (PNLD/2020). Essa coleção foi adotada nas escolas do Ensino Fundamental na rede pública de Piripá-BA, para ser utilizada no período de 3 anos: de 2020 até 2023. Por meio do estudo qualitativo documental realizado e uma análise crítica, verificou-se que a maioria dos mapas contribui para desenvolver o pensamento geográfico à medida que são apresentados de forma contextualizada com a realidade dos estudantes e quando motivam os alunos a questionarem e refletirem sobre o espaço, por meio dos princípios do raciocínio geográfico.

**Palavras-chave:** Livro didático; Raciocínio geográfico; Pensamento geográfico; Representações cartográficas.

### Abstract

This article aims to analyze the cartographic representations founded in textbooks and the possibility of developing geographical thinking. The selected textbook is the Brazilian 6th Grade volume of the collection "Geografia Geral e do Brasil" by Eustáquio de Sene and José Carlos Moreira, from the publisher Scipione, approved in the National Textbook Plan (PNLD/2020). This collection was adopted in elementary schools in the public school system of Piripá-BA, to be used in the period of 3 years: from 2020 to 2023. Through qualitative documentary study and critical

<sup>1</sup> Mestranda em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Especialista em Gestão Escolar pela Faculdade Einstein.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0386-8994> Contato: [geisanabr@yahoo.com.br](mailto:geisanabr@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe. Professora no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Líder do Grupo de Pesquisa no Ensino de Geografia.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7826-0908> Contato: [andrecksa.oliveira@uesb.edu.br](mailto:andrecksa.oliveira@uesb.edu.br)

<sup>3</sup> Mestrando em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Especialista em Docência no Ensino Superior pela Faculdade do Maciço de Baturité. Professor nas redes Particular e Municipal de Ensino em Vitória da Conquista. Membro do Grupo de Pesquisa no Ensino de Geografia.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6806-1545> Contato: [prof.alexsandro.geografia@gmail.com](mailto:prof.alexsandro.geografia@gmail.com)

analysis, it was found that most maps contribute to developing geographical thinking as they are presented in a contextualized way within the students' reality and when they motivate students to question and reflect upon space, through the principles of geographical reasoning.

**Keywords:** Textbook; Geographic reasoning; Geographic thinking; Cartographic representations.

### Resumen

Este artículo tiene como objetivo analizar las representaciones cartográficas presentes en los libros de texto y la posibilidad de desarrollar el razonamiento geográfico. El libro de texto seleccionado es el volumen del 6º año de la colección "Geografía Geral e do Brasil" de los autores Eustáquio de Sene y José Carlos Moreira, de la editorial Scipione, aprobado en el Plan Nacional del Libro de Texto (PNLD/2020). Esta colección fue adoptada en las escuelas de Educación Primaria en la red pública de Piripá-BA, para ser utilizada durante un período de 3 años: desde 2020 hasta 2023. A través del estudio cualitativo documental realizado y de un análisis crítico, se observó que la mayoría de los mapas contribuyen al desarrollo del pensamiento geográfico a medida que se presentan de manera contextualizada con la realidad de los estudiantes y cuando motivan a los alumnos a cuestionar y reflexionar sobre el espacio, a través de los principios del razonamiento geográfico.

**Palabras clave:** Libro de texto; Razonamiento geográfico; Pensamiento geográfico; Representaciones cartográficas.

### Introdução

A linguagem cartográfica tem sido cada vez mais presente no processo de ensino e aprendizagem de Geografia na Educação Básica. Desse modo, é possível reconhecer que a relação da Cartografia com o ensino de Geografia teve um avanço substancial através da produção de materiais e inserção da linguagem cartográfica nos livros didáticos de Geografia.

Este artigo tem como objetivo analisar as representações cartográficas presentes nos livros didáticos e a possibilidade de desenvolvimento do raciocínio geográfico. Essa pesquisa se justifica pela importância das representações cartográficas, presentes nos livros didáticos e na prática escolar, uma vez que a linguagem cartográfica tem relevância significativa para o processo de ensino e aprendizagem.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de análise documental, e o primeiro passo foi escolher uma coleção de livros didáticos de Geografia para o Ensino Fundamental dos anos finais (6º ao 9º ano). Os critérios para a seleção foram: 1) estar aprovada pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) 2020 e 2) ter sido adotada por escolas de Ensino Fundamental (anos finais da rede municipal de Piripá-BA), município em que um dos pesquisadores atua como docente. Diante disso, optou-se pela coleção Geografia Geral e do Brasil dos autores Sene e Moreira (Figura 1).

**Figura 1:** Coleção Geografia Geral e do Brasil, Ensino fundamental anos finais, PNLD 2020.



**Fonte:** <https://www.leonardoportal.com/p/acervo-de-humanas.html>

O segundo passo foi fazer uma pré-análise dos mapas presentes nos livros, culminando na escolha do volume correspondente ao 6º ano do Ensino Fundamental, pois considera-se que, nesse ano, o estudante terá o primeiro contato com a cartografia escolar de forma mais sistemática.

Com o volume selecionado, foram elaboradas as seguintes questões de pesquisa: os mapas presentes nos livros didáticos de Geografia podem ser concebidos como linguagens que contribuem para o desenvolvimento do raciocínio geográfico? Existe correlação entre o mapa e o texto que o acompanha? Os autores sugerem que o leitor utilize o mapa durante a leitura do texto? O mapa contém os elementos necessários para a sua compreensão? Posteriormente, foram observadas e contabilizadas as representações cartográficas contidas no volume escolhido.

As coleções de livros didáticos de Geografia aprovadas pelo PNLD 2020 dispõem das competências estabelecidas para o componente curricular Geografia pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), sendo duas delas destacadas nesta pesquisa: 1) desenvolver autonomia e senso crítico para compreender e desenvolver o raciocínio geográfico na análise da ocupação humana e produção do espaço, envolvendo os princípios de analogia, conexão, diferenciação, distribuição, extensão, localização e ordem; 2) desenvolver o pensamento espacial, utilizando as linguagens cartográficas e iconográficas, diferentes gêneros textuais e as geotecnologias para solucionar problemas que envolvam informações geográficas (BRASIL, 2018).

Nessa perspectiva, os mapas presentes nos livros didáticos devem representar a realidade, possibilitando ao aluno fazer interpretações, análises e ampliar progressivamente as complexidades, a fim de desenvolver o pensamento geográfico e, conseqüentemente, ressignificar a aprendizagem.

## Ensino de Geografia, uso de mapas e o desenvolvimento do raciocínio geográfico

A Geografia é uma ciência que tem como foco de análise o espaço geográfico. De acordo com Callai (2015, p. 134), ela "[...] estuda o espaço construído pelo homem, a partir das relações que estes mantêm entre si e com a natureza [...] é, por excelência, uma disciplina formativa capaz de instrumentalizar o aluno para que exerça de fato a sua cidadania".

Na contemporaneidade, a Geografia escolar adquire novas dimensões ao se tornar, conforme afirma Cavalcanti (2012), mais aberta, plural e integrada, a fim de enfrentar a complexidade do mundo. De acordo com a autora, a Geografia é um componente curricular que não se ensina simplesmente, mas sim que se constrói e se realiza. Isso ilustra a forma distinta como a Geografia escolar se apresenta, em constante com a ciência mnemônica, em que o aluno não pensa espacialmente, nem raciocina geograficamente. O raciocínio geográfico é “[...] uma maneira de exercitar o pensamento espacial e se [...] aplica determinados princípios: analogia, conexão, diferenciação, distribuição, extensão, localização, ordem” (BRASIL, 2018, p. 359).

Nesse contexto busca-se “uma educação para a cidadania rompendo com a mesmice da escola [...]” (CALLAI, 2015, p. 134), a fim de que a produção do conhecimento seja realizada na criatividade e na autonomia, incentivando a aprendizagem por meio de questionamentos. É fundamental estimular os estudantes a desenvolver o pensamento geográfico e diversificar as linguagens em sala de aula para ampliar suas possibilidades de compreender e interpretar o mundo através de seu convívio social e cultural:

O aluno é um ser histórico que traz consigo e em si uma história, e um conhecimento adquirido na sua própria vivência. O desafio é fazer a partir daí a ampliação e o aprofundamento do conhecimento do seu espaço, do lugar em que vive, relacionando-o com outros espaços mais distantes e até diferentes. Como fazer isto é a grande questão. Há sem dúvida uma extrema necessidade de redefinir em novas bases (do mundo atual) o conteúdo do ensino que fazemos (e também de Geografia) e de criar e recriar formas pedagógicas capazes de dar um sentido ao nosso trabalho de professores, e à aprendizagem que entendemos necessária para os alunos, socializando o conhecimento (CALLAI, 2015, p. 136).

O estudante possui conhecimentos prévios que precisam ser considerados no ato pedagógico, possibilitando o avanço em direção a novos saberes escolares que serão construídos. Ao considerar o cotidiano desse aluno, o docente pode possibilitar a formação de um tipo de conhecimento sistematizado e mais abrangente, superando as concepções equivocadas e simplistas que podem ser adquiridas através da vivência cotidiana.

O professor, mediador do conhecimento, é fundamental para criar diferentes formas de aprender, usar múltiplas linguagens e recursos e, conseqüentemente, potencializar o desenvolvimento do pensamento geográfico. Nesse caso, conforme Richter (2017), os mapas e outras representações cartográficas são linguagens pertinentes para contribuir nesse processo.

Usar a Cartografia no ensino de Geografia "é um caminho para permitir que o desenvolvimento do pensamento espacial e o raciocínio geográfico seja efetivado em sala de aula" (RICHTER, 2017, p. 290), mas para tanto, é preciso ensinar os alunos a ler mapas ou outras formas de representações cartográficas, como bem explica Castrogiovanni (2008, p. 39): "o aluno precisa ser preparado para ler representações cartográficas. Só lê mapas quem aprendeu a construí-los", ou seja, é necessário alfabetizar cartograficamente o aluno para que ele consiga ler e interpretar as representações, por meio da compreensão de seus elementos.

De acordo com Santos (2011, p.4), "a cartografia tornou-se indispensável em vários campos de estudos e discussões, principalmente no âmbito escolar, pois facilita a interpretação espacial através das diversas formas de representar o espaço geográfico". Além disso, ele afirma que o mapa contribui por representar a superfície da Terra e auxiliar no entendimento de diversos estudos na Geografia e em outras áreas do conhecimento.

A Cartografia está presente nos livros didáticos, nas práticas pedagógicas e no processo de compreensão do espaço. Dessa forma, ela oportuniza ao aluno e ao professor a análise e o conhecimento da realidade do espaço por meio das representações cartográficas, como mapas, globos, cartas, plantas, maquetes, gráficos e tabelas.

Conforme Santos (2011), é necessário trabalhar de forma prática para permitir que o aluno construa e analise o espaço de seu entorno. Nesse sentido, as representações cartográficas são linguagens que auxiliam no ensino de Geografia e outras áreas do conhecimento.

Jaques, Souza e Silva (2016) associam a Cartografia a um conteúdo que possibilita e eleva a aprendizagem dos alunos. Ela é uma ferramenta, um recurso, uma linguagem e, sobretudo, uma ciência que contribui com o ensino e aprendizagem em Geografia. Nessa perspectiva, é importante para o desenvolvimento do pensamento geográfico, desde que o uso de mapas ou outras representações não sejam vistos como meros recursos de localização e elementos ilustrativos. A intenção é vencer um ensino desconexo da vida do aluno, em busca de uma aprendizagem significativa (SILVA, 2020).

Para Santos (2011), a Cartografia sempre esteve aliada aos estudos geográficos desde a antiguidade e tornou-se um instrumento de aproximação dos lugares, sendo um subsídio para as aulas do componente curricular de Geografia. "Diante de uma grande evolução da cartografia até chegar às suas representações nos livros didáticos, percebe-se a importância não só na existência da cartografia como ciência, mas também no auxílio direto nos estudos geográficos [...]" (SANTOS, 2011, p. 7). Dessa forma, é conveniente a iniciação cartográfica desde os primeiros anos de estudo, como é especificado na BNCC, para que o aluno desde cedo aprenda a interpretar as representações cartográficas.

"A Geografia escolar tem um papel ímpar na leitura reflexiva e crítica do mundo contemporâneo quando seus conceitos e procedimentos metodológicos são acionados pelos estudantes" (STRAFORINI, 2018, p. 177) e é capaz de instigá-los a querer conhecer e ser curiosos na busca do saber. Uma das maneiras de provocá-los é dando-lhes oportunidade de explorar diversas linguagens para ampliar o conhecimento. Para Callai (2015, p. 42), "a aula de geografia deve ir além de passar informações e apresentar dados e mapas [...]" Para esses autores, o conteúdo deve ser organizado de modo mais consistente para ter significado, por isso, consideram que as aulas devem ser organizadas de modo que possam desafiar, encorajar e permitir que o aluno questione o que lhe é proposto; eles devem aprender a pensar criticamente, para além das interpretações óbvias e fragmentadas. Nessa conduta, espera-se que o aluno consiga fazer analogia, conexão, diferenciação, distribuição, extensão, localização e ordem, princípios fundamentais para o desenvolvimento do raciocínio e, posteriormente o pensamento geográfico.

Trabalhar a Geografia na escola, com base nos princípios do raciocínio, é possibilitar a reflexão e análise do mundo, contribuir na formação de cidadãos críticos e atuantes que se reconhecem como pessoas que constroem e transformam o espaço, como afirma Callai (2015, p. 142) quando percebe que o território e o espaço "são construídos pelo movimento dos homens e que envolvem interesses que podem ser localizados, reconhecidos e entendidos no processo dinâmico da vida cotidiana". Sobre esse aspecto, Cavalcanti (2012) discorre que o ensino de Geografia tem como ponto de partida a sociedade local com todas as suas contradições e de modo a permitir uma leitura aberta e plural do mundo. Esse é um ensino que se preocupa com a aprendizagem e acredita que ela pode ser alcançada quando se estimula o pensamento crítico e investigativo. Silva e Portela afirmam:

[...] os docentes de Geografia podem desenvolver práticas educativas que estimulem o pensamento espacial, ou seja, desenvolver o raciocínio geográfico utilizando os conceitos de análise espacial da ciência geográfica e a linguagem cartográfica como elemento estruturador para a compreensão do espaço geográfico (SILVA, PORTELA, 2020, p. 8).

A Cartografia, embora seja uma ciência, como afirma autores como Castrogiovanni (2008), é reconhecida como uma linguagem capaz de contribuir ao desenvolvimento do pensamento espacial e geográfico e representa um avanço no ensino de Geografia por buscar um ensino e aprendizagem contextualizada com o cotidiano, de forma prazerosa (SILVA, PORTELA 2020). Conforme essas considerações, os autores compreendem que a linguagem cartográfica fortalece a formação de pessoas críticas e capazes de interpretar o mundo. O livro didático pode ser uma ferramenta importante nesse processo, ao apresentar mapas de qualidade e propor atividades que incentivem a interpretação e análise desses mapas.

### **Livro didático de Geografia e as contribuições das representações cartográficas**

Os livros didáticos são materiais que contêm informações e conteúdos que servem, segundo Prado e Carneiro (2017, p. 983), “[...] para desenvolver o conhecimento do educando, na medida em que ele se apropriar dos conteúdos presentes nesses manuais”. Muitas vezes é o principal recurso utilizado em sala de aula, ou seja, é um suporte

para o desenvolvimento das aulas no contexto escolar, mesmo com o avanço e utilização da tecnologia em sala de aula e a criatividade que perpassa a prática pedagógica (PRADO, CARNEIRO, 2017).

O livro didático começou a ser utilizado no Brasil no século XIX, vindo de Portugal e França. No século seguinte, com a vinda da família real para o Brasil e o aumento do número de escolas, passou a ser produzido no país. Diversas ações e iniciativas foram criadas para normatizar a produção e utilização dos livros didáticos, a fim de garantir sua inserção na escola. Foi necessário, então, criar políticas educacionais sobre o livro didático brasileiro. Em 1929, foi criado o Instituto Nacional do Livro Didático (INL), com o objetivo de legislar sobre políticas públicas relacionadas ao livro didático, e garantir a distribuição desses materiais pelo governo federal (COPATTI, 2020; PRADO, 2014).

Em 1938, foi criada a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD) pelo decreto-lei nº 1.006, de 30 de dezembro de 1938, que estabeleceu as condições de produção, importação e utilização do livro didático. O artigo 1º afirma que a produção ou importação de livros didáticos no Brasil é livre, enquanto o artigo 6º ressalta que o professor é livre para utilizar o material adotado, desde que respeite a orientação didática dos programas escolares. O artigo 7º determina que um mesmo livro pode ser utilizado em anos sucessivos, mas o livro adotado no início do ano escolar não pode ser trocado durante o curso (BRASIL, 1939).

Pelo decreto nº 91.542, de 19 de agosto de 1985, foi instituído o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) com a finalidade de distribuir livros didáticos aos estudantes de escolas públicas da educação básica. O PNLD compreende um conjunto de ações voltadas para a distribuição de obras didáticas, pedagógicas e literárias destinadas aos alunos e professores de escolas públicas de ensino fundamental e médio, de forma sistemática e gratuita. O Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) é o responsável pela sua operacionalização (BRASIL, 2018). O PNLD é desenvolvido com a participação dos professores, mediante análise de livros a serem adotados, e a escolha na escola deve atender as especificidades regionais (BRASIL, 1985). Os livros são reutilizáveis, e cabe a quem os utiliza o cuidado para que o aluno do ano seguinte receba um produto em boas condições de uso.

Em 1996, teve início o processo de avaliação pedagógica dos livros didáticos, com a publicação do primeiro Guia de Livros Didáticos do Ensino Fundamental. Em 2000, houve a expansão do PNLD, com a distribuição de dicionários, livros em Braille, materiais em Libras e atlas geográficos para escolas que possuem Educação de Jovens e Adultos (EJA) e para o ensino de 6º ao 9º ano (5ª a 8ª série). Em 2004, houve a ampliação do PNLD para o Ensino Médio (PNLEM), com a distribuição de livros de Português e Matemática para as regiões Norte e Nordeste e, em 2005, para as outras regiões. No ano de 2008, houve a distribuição de livros didáticos para todas as disciplinas do Ensino Médio e, em 2017, o PNLD foi alterado pelo decreto nº 9.099, passando a ser chamado de Plano Nacional do Livro e do Material Didático, que passou a distribuir livros às escolas comunitárias e filantrópicas, além de serem consumíveis para os anos iniciais do Ensino Fundamental e seguirem a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (COPATTI, 2020).

Com relação ao livro didático de Geografia, os primeiros que foram criados foram utilizados no ensino primário (COPATTI, 2020). De acordo com Prado e Carneiro (2017), na década de 1930, a Geografia passou por transformações conceituais e metodológicas que se refletiram nos livros didáticos e começaram a apresentar uma outra perspectiva no sentido de superar a Geografia mnemônica. Os mapas passaram a integrar os livros didáticos como suporte aos textos.

No entanto, segundo Copatti (2020), os livros didáticos e o ensino de Geografia apresentavam diversas lacunas. Nas coleções, o que se observava era uma estrutura descritiva, sem ilustrações para facilitar a compreensão e visualização de paisagens. A autora destaca que Delgado de Carvalho traz um viés crítico, contrapondo a Geografia Tradicional nos livros didáticos. No entanto, não se percebia ilustrações sobre os problemas sociais, culturais e aspectos que contribuíssem para uma leitura mais ampla e problematizada da realidade.

Compreender o papel do livro didático no processo de ensino e aprendizagem é fundamental para uma prática pedagógica eficaz. É preciso que o professor tenha consciência de que o livro didático é uma ferramenta importante, mas não pode ser o único recurso utilizado em sala de aula. É necessário que haja uma diversificação de recursos e um olhar crítico do professor, para que possa selecionar os conteúdos que realmente

contribuirão para o desenvolvimento do pensamento geográfico dos alunos. Além disso, o uso do livro didático deve ser pensado de forma contextualizada, buscando sempre relacionar os conteúdos com a realidade vivenciada pelos alunos, a fim de que eles possam compreender a relevância do conhecimento geográfico para suas vidas.

Diversas formas de representação espacial existem, mas os mapas desempenham um papel fundamental no processo de ensino e aprendizagem em Geografia. Por meio deles, é possível compreender e interpretar o espaço, proporcionando o raciocínio geográfico dos estudantes e incentivando o pensamento crítico, as comparações, analogias e conexões, contribuindo para uma compreensão mais profunda e complexa do mundo (PRADO, CARNEIRO, 2017). Esses autores ainda dizem que: “[...] o educando estará pensando o espaço de forma crítica, pois nesse processo de inquietação, identificará problemas e levantará possíveis alternativas de soluções para mudanças no espaço local, regional, nacional e/ou mundial [...]” (PRADO, CARNEIRO, 2017, p. 986).

Dessa forma, os mapas não se limitam a apenas representar, mas contribuem para que o aluno compreenda a realidade. Nos livros didáticos, eles são representações da realidade que podem ser bastante exploradas e, muitas vezes, são a única forma de contato dos alunos com as representações cartográficas. Na visão de Duarte (2017), as representações cartográficas são:

imprescindíveis para mobilizar o pensamento espacial frente a fenômenos complexos. Isso porque ao utilizarmos competentemente os recursos cartográficos [...] livramos a nossa mente da tarefa de memorizar [...] e podemos ocupá-la com atividades mais nobres, como a de identificar padrões espaciais, fazer associações, compreender processos socioespaciais etc. (DUARTE, 2017, p. 203).

No livro didático de Geografia, é fundamental compreender o papel das representações cartográficas para mobilizar o pensamento de forma contextualizada. Segundo Katuta (2003, p.7), “as representações cartográficas devem ser compreendidas enquanto linguagens que são instrumentos humanos social, histórica e geograficamente construídos”, com o objetivo de possibilitar que os alunos possam ler, compreender o espaço representado, a fim de demonstrar a ocupação humana e a interação entre sociedade e a natureza (RICHTER, 2017).

Apreender a linguagem cartográfica é essencial para se apropriar dos variados tipos de representações, é importante que os alunos tenham contato frequente com a linguagem cartográfica ao longo de sua formação escolar, a fim de que possam se familiarizar com ela. Richter (2017) considera alguns pontos que podem melhorar o uso didático dos mapas em sala de aula:

- 1) reconhecer a Cartografia como linguagem; 2) o mapa apresenta uma contribuição para além do espaço escolar; 3) o processo de alfabetização e letramento cartográfico precisam fazer parte do trabalho escolar de Geografia; 4) para a utilização do mapa nas aulas de Geografia é fundamental que ele esteja aliado aos próprios conteúdos geográficos; e 5) o mapa contribui significativamente para o processo de desenvolvimento do pensamento espacial e do raciocínio geográfico (RICHTER, 2017, p. 286).

Esses pontos possibilitam que o mapa e outros tantos recursos se torne mais presente nas aulas de Geografia e contribuam para a formação de indivíduos críticos e autônomos na sociedade. Além disso, ao diversificar as linguagens e ampliar o entendimento sobre o espaço, o professor pode avaliar o tipo de representação que melhor se adequa ao assunto abordado e à realidade dos estudantes, permitindo que reconheçam as diferentes formas de representar, como mapas, cartas, maquetes e globo (RICHTER, 2017).

O livro didático de Geografia é uma importante ferramenta para o ensino dessa disciplina, especialmente quando se trata de apresentar e explorar as representações cartográficas. Por meio dos mapas e outras formas de representação gráfica, o aluno pode entender a realidade e a ocupação humana do espaço, além de compreender as interações entre a sociedade e a natureza. Nesse sentido, é essencial entender que a linguagem cartográfica se desenvolveu historicamente e que precisa ser apropriada pelos estudantes ao longo de sua escolarização. Para tanto, é necessário que o professor reconheça o valor dos mapas como ferramenta pedagógica, aliando-os aos conteúdos geográficos e promovendo o desenvolvimento do pensamento geográfico.

Além disso, as representações cartográficas são importantes ferramentas de comunicação visual e podem auxiliar no desenvolvimento da criatividade e senso crítico dos alunos. Através da leitura e interpretação de mapas, os estudantes podem compreender melhor o mundo que os cerca, bem como as relações espaciais entre diferentes fenômenos geográficos.

É importante ressaltar também que a utilização de mapas e outras representações cartográficas no livro didático de Geografia é uma forma de tornar o ensino da disciplina mais dinâmico e interessante para os alunos. Ao invés de apenas apresentar informações de forma abstrata, os mapas podem contextualizar os conteúdos e torná-los mais acessíveis e compreensíveis para os estudantes.

Portanto, compreender a linguagem cartográfica é essencial para o ensino de Geografia e para a formação crítica e autônoma dos alunos. O uso de representações cartográficas no livro didático de Geografia é uma forma de contribuir para o desenvolvimento cognitivo dos estudantes, além de permitir que eles compreendam e interpretem o espaço de forma mais completa e precisa.

### **A coleção Geografia Geral e do Brasil: Eustáquio de Sene e João Carlos Moreira- editora Scipione, 2018**

Para a escolha dos livros didáticos, é necessário ter todo o cuidado para garantir a qualidade desse material em todos os aspectos. Como destaca Copatti (2020), é fundamental analisar criticamente cada livro em toda a sua estrutura teórico-conceitual e metodológica, a fim de garantir uma avaliação pedagógica adequada. Além disso, espera-se que os livros disponibilizados sejam coerentes com os conteúdos ministrados e possam potencializar a aprendizagem dos estudantes. Na escola, esse olhar cuidadoso ao livro didático torna possível uma escolha coerente de coleções didáticas que contribuam com a aprendizagem dos estudantes e o planejamento docente, articulando o conteúdo com a realidade, visando desenvolver o pensamento espacial e o raciocínio geográfico.

No que diz respeito ao ensino de Geografia, a BNCC preconiza a necessidade de desenvolver, junto ao aluno, o pensamento espacial para que este compreenda o mundo e seu cotidiano, pautado nos princípios do raciocínio geográfico. De acordo com o Guia do Livro Didático (BRASIL, 2019, p. 4) os princípios do raciocínio geográfico “[...] encontram-se dispostos no material didático a ser utilizado pelos professores(as) de modo a auxiliá-los no trabalho com os estudantes em sala de aula”.

Além de desenvolver raciocínio geográfico com base em princípios na análise geográfica, a BNCC apresenta um conjunto de competências que precisam ser abordadas nas coleções de livros didáticos, dentre elas a competência 4 do Ensino Fundamental destaca a importância da utilização de diferentes linguagens, como a oral, escrita, cartográfica e técnica, para o desenvolvimento do pensamento espacial, segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018). O objetivo é estimular o raciocínio geográfico dos alunos, que envolve a compreensão de princípios como analogia, conexão, diferenciação, distribuição, extensão, localização e ordem. Para contribuir com a escolha dos livros didáticos, o guia apresenta um conjunto de resenhas e informações sobre as coleções didáticas, destacando suas principais características, potencialidades e fragilidades, com vistas a contribuir com a escolha docente.

A coleção de livros didáticos analisada neste artigo é intitulada "Geografia Geral e do Brasil" e foi escrita pelos autores Eustáquio de Sene e João Carlos Moreira, sendo publicada pela editora Scipione em 2018. Essa coleção foi selecionada pelo município de Piripá, no estado da Bahia, para ser adotada em todas as escolas da rede municipal. Para limitar e direcionar o escopo da análise realizada, optou-se por examinar somente o volume correspondente ao 6º ano da referida coleção.

A coleção apresenta um breve texto, intitulado "Aos estudantes", que destaca a importância do ensino de Geografia na pesquisa e na reflexão sobre o espaço produzido e sobre como as pessoas se relacionam com esse espaço. O volume do 6º ano contém 18 capítulos, em 226 páginas, distribuídos nas seguintes unidades: Unidade 1 - Alguns conceitos da Geografia; Unidade 2 - Mudanças no espaço ao longo da história; Unidade 3 - Representações cartográficas e localização; Unidade 4 - A superfície do Planeta Terra; Unidade 5 - O clima e o tempo em nosso dia a dia; Unidade 6 - A distribuição da água no planeta Terra; Unidade 7 - Os biomas e sua importância para a vida na Terra e Unidade 8 - Brasil: Principais aspectos físicos.

Cada unidade é iniciada com uma representação do espaço, em sua maioria, com uma fotografia que ocupa duas páginas e destaca o que será estudado na unidade. Essas representações propõem questões que instigam o interesse pelo tema e mobilizam o

conhecimento prévio por meio da análise da imagem. No volume referente ao 6º ano, foram identificadas 344 representações no total, sendo 58 mapas, 5 plantas, 144 fotografias, 4 charges, 26 gráficos, 12 tabelas, 1 quadro, 93 ilustrações, desenhos ou blocos diagramas, e 1 ilustração em pintura, como mostra a tabela 1.

**Tabela 1:** Representações cartográficas por cada unidade do volume do 6º ano.

Unidade	Mapa	Planta	Foto	Charge	Gráfico	Tabela	Quadro	Desenho ou bloco diagrama	Ilustração pintura	Total
1	0	0	21	2	0	0	0	0	0	23
2	4	0	34	0	1	1	0	3	1	44
3	17	4	18	1	0	4	0	9	0	53
4	5	1	8	0	0	0	0	35	0	49
5	15	0	10	1	18	6	1	20	0	71
6	3	0	10	0	1	0	0	14	0	28
7	0	0	29	0	0	0	0	10	0	39
8	14	0	14	0	6	1	0	2	0	37
Total	58	5	144	4	26	12	1	93	1	344

**Fonte:** Pesquisa de Campo, 2021.

Os mapas aparecem no volume do 6º ano, especificamente na Unidade 2, no capítulo 5, intitulado "O comércio e os serviços ao longo da história". Embora contenham todos os elementos necessários para a leitura e interpretação, eles servem apenas como ilustrações. Observa-se que os títulos dos mapas estão de acordo com o que é tratado no texto que os acompanha, no entanto, os autores do livro não sugerem ou instigam os alunos a usar os mapas para fazer comparações, conexões e análises. Apesar de haver correlação entre o mapa e o texto, não existe uma integração entre ambos. Para que isso acontecesse, os autores do livro poderiam ter sugerido aos alunos algumas questões de observação e análise, tais como: para onde o comércio se expandiu? Como foi essa expansão? Quanto tempo levou a expansão? Isso faria com que os alunos comesçassem a fazer um movimento de interpretação, questionando o porquê, como e onde.

Na unidade 3, são apresentados um total de 17 mapas, sendo 6 no capítulo 6 e 11 no capítulo 7. Nessa unidade, o foco é o desenvolvimento da alfabetização cartográfica. No capítulo 6, os autores abordam a diferença entre mapas e plantas, apresentando um mapa do planisfério com a localização da cidade de Salvador sem muitos detalhes, seguido por uma planta de Salvador com mais detalhes, permitindo trabalhar as questões de escalas (ver figuras 2 e 3).

**Figura 2 - Planisfério político no livro do 6º ano**



Fonte: elaborado com base em IBGE. Atlas geográfico escolar, 7. ed. Rio de Janeiro, 2016, p. 32.

Fonte: SENE, 2018, 65.

**Figura 3 – Planta do centro de Salvador e bairros vizinhos.**



Fonte: SENE, 2018, p 65.

No mapa político do Brasil (SENE, 2018), os autores estimulam os alunos a explorar o mapa, questionando a função do título, da fonte e da rosa dos ventos, o que leva os alunos a observar e interpretar o mapa. É importante que tanto os autores dos livros didáticos quanto os professores façam essas correlações, ensinando os alunos a lerem os mapas, pois o avanço no conhecimento é construído ao instigar a curiosidade e buscar compreender o porquê das coisas.

Segundo Zucherato e Albuquerque (2020), a presença de textos que interagem com os mapas permite que os leitores apresentem respostas mais precisas do que a leitura cartográfica sem o uso de um texto de apoio. Não se pretende afirmar que as representações não sejam compreendidas sem um texto, mas como se trata de alunos que estão construindo noções de pensamento espacial e raciocínio geográfico, é importante permitir que os alunos compreendam a leitura dos mapas, e a presença de textos que interagem com os mapas pode contribuir para isso, permitindo que os leitores apresentem respostas mais precisas do que apenas a leitura cartográfica sem o uso de um texto de apoio.

Então se observa nessa unidade que existe correlação e integração entre o texto e os mapas, pois estão apresentados em linguagem propícia para se construir situações geográficas diversas. Essa parte do livro didático é dedicada à alfabetização cartográfica e os capítulos auxiliam os alunos a compreenderem os mapas, identificando seus elementos e percebendo sua importância. Eles aprendem a identificar os elementos dos mapas, compreender porque utilizamos cores e símbolos diferentes e a construir situações geográficas diversas. Em suma, a unidade tem como objetivo principal ensinar os alunos a lerem e interpretar mapas, proporcionando uma base sólida para a compreensão da Geografia como um todo.

No capítulo 6 da unidade 3, há um tópico intitulado "Consolidando o conhecimento", em que o aluno é convidado a responder questões sugeridas por meio da análise dos mapas, a fim de perceber as diferenças e correlações entre eles. Esse processo torna o aluno o protagonista do aprendizado, visto que o instiga a pensar, escolher, correlacionar e construir seu próprio conhecimento. Entretanto, observa-se que os mapas presentes nessa seção não possuem títulos, o que é um elemento fundamental nesse tipo de representação, pois ajuda a identificar e compreender o tema abordado. É possível interpretar o mapa, mas é importante lembrar que o título é um elemento que não deveria ser negligenciado, talvez a falta de título tenha passado pela avaliação do PNLD por estar diretamente envolvido com uma atividade e não com o texto principal.

No capítulo 7, também na Seção "Consolidando o conhecimento", os alunos são desafiados a interpretar mapas. Nos tempos atuais, especialmente a partir da Base Nacional Comum curricular (BNCC), o trabalho com mapas para estimular o raciocínio geográfico tornou-se cada vez mais exigente, afastando-se da abordagem mnemônica da Geografia à medida que o tempo avança. Com a aprovação da BNCC em 2018, a escolha dos livros didáticos considera essa forma de trabalho para estimular o raciocínio geográfico. Por isso, as representações cartográficas como linguagem são indispensáveis nos livros didáticos para atingir esse raciocínio, que é fundamental para o pensamento geográfico.

É comum encontrarmos mapas em livros didáticos que não apresentam os elementos cartográficos obrigatórios, como legendas, escalas e outras convenções. Esses elementos são importantes para facilitar a interpretação dos fenômenos representados e devem ser exigidos pelos critérios de classificação do PNLD. Porém, é fundamental que as coleções de livros didáticos disponibilizadas sejam de qualidade e reflitam a realidade para potencializar a aprendizagem dos alunos (COPATTI, 2020).

Observou-se que quase todos os mapas do livro do 6º ano da coleção Geografia Geral e do Brasil apresentam elementos fundamentais como título, legenda, orientação, coordenadas geográficas e fonte. Esses elementos são cruciais para a interpretação do mapa, e é importante que os alunos aprendam a utilizá-los adequadamente. Além disso, é essencial que o texto do livro esteja correlacionado e interligado com o mapa, a fim de que os alunos possam construir o raciocínio geográfico necessário para compreender e interpretar os fenômenos representados no mapa. Assim, a qualidade e a coerência entre texto e mapa são fundamentais para potencializar a aprendizagem dos alunos.

Essa coleção de livros didáticos apresenta a seção "Lendo mapas" que é mais uma oportunidade para os alunos terem contato com os mapas e os interpretem. Essa é uma habilidade fundamental na Geografia e pode ser aprimorada por meio da exposição a diferentes tipos de mapas. A inclusão de uma seção dedicada a isso em um livro didático pode ser uma maneira eficaz de encorajar os alunos a desenvolverem essa habilidade e a entenderem melhor os fenômenos geográficos representados nos mapas.

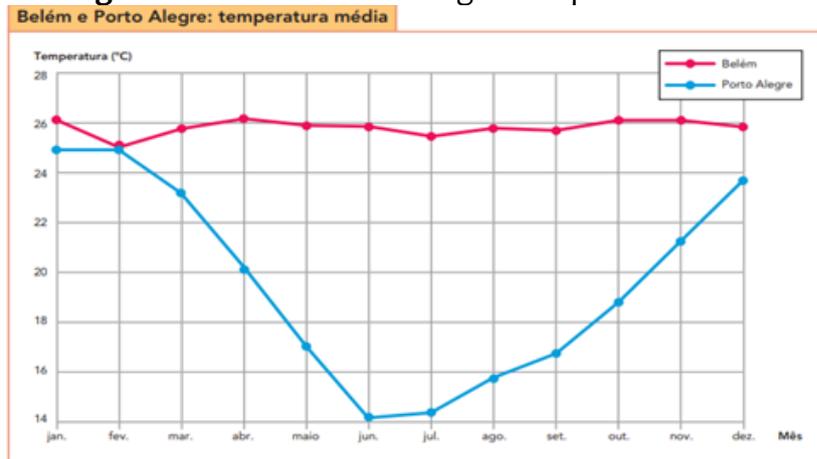
Na unidade 5, é feita uma tentativa de relacionar duas representações cartográficas, um mapa e um gráfico, como apresentado na Figura 6. No entanto, para que o aluno seja capaz de fazer essa relação, é necessário que ele seja estimulado pelo professor. Em outra parte dessa unidade, o autor utiliza três tipos de representações - um mapa, um perfil topográfico e um gráfico - como apresentado na Figura 7. Nesse ponto, é possível afirmar que o livro didático permite ao estudante fazer correlações e comparações para entender as diferentes temperaturas das cidades, mesmo em latitudes próximas. É importante ressaltar que esse recurso didático não será suficiente para que o aluno alcance novos conhecimentos geográficos, mas é a partir da mediação do professor que isso será possível.

**Figura 5 – Belém e Porto Alegre: localização**



Fonte: SENE, 2018, p.127.

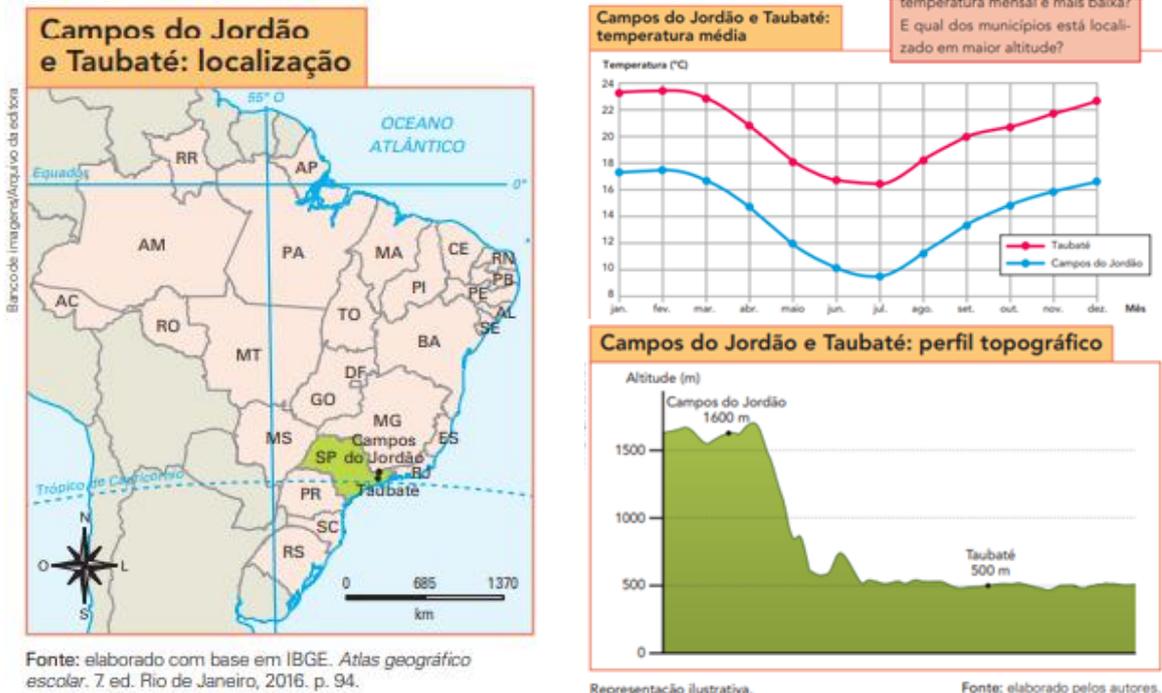
**Figura 6 – Belém e Porto Alegre: temperatura média**



Fonte: elaborado com base em INSTITUTO NACIONAL DE METEOROLOGIA. Disponível em: <www.inmet.gov.br>. Acesso em: 26 maio 2018.

Fonte: SENE, 2018, p.127.

**Figura 7 – Campos do Jordão e Taubaté: localização, temperatura, perfil topográfico**



Fonte: elaborado com base em IBGE. Atlas geográfico escolar. 7. ed. Rio de Janeiro, 2016. p. 94.

Fonte: SEME, 2018, p.128.

Na unidade em questão, os mapas são apresentados de forma complementar a outras formas de representação, o que contribui para a compreensão de diferentes situações geográficas. Na Unidade 6, alguns mapas são meramente ilustrativos, enquanto outros, principalmente aqueles que fazem parte das atividades propostas, permitem a interpretação e incentivam os alunos a buscar respostas nas representações cartográficas. Nessa seção do livro, há passos importantes para que o aluno possa produzir mapas mentais, conceituais, croquis, entre outros.

Na unidade 7, intitulada "Os biomas e sua importância para a vida na Terra", o texto interage de forma dinâmica com os mapas, não somente os que aparecem nessa unidade, mas contextualizando com outros dispostos no livro de modo geral. Isso contribui significativamente para o desenvolvimento de raciocínios geográficos, a fim de que o aluno possa entender os fenômenos e espaços representados.

Na unidade 8, há mapas que podem ser correlacionados com outros para estabelecer a conexão entre as escalas global e local, o que permite que o conteúdo seja relacionado com a vida cotidiana do aluno e, conseqüentemente, ressignificado. Entretanto, é possível observar que existem mapas meramente ilustrativos, que não estão totalmente vinculados ao texto, dificultando a compreensão por parte do aluno, que precisará da orientação do professor para fazer a conexão adequada.

Além dos mapas, a coleção utiliza outras representações do espaço, como fotografias, imagens, blocos diagramas, tabelas e gráficos, em diversas atividades que inserem o estudante como sujeito ativo na construção do seu conhecimento. Essa abordagem multidisciplinar e multimodal é uma das principais contribuições da coleção para a aprendizagem dos alunos.

Outra característica relevante da coleção é a interconexão entre diferentes linguagens em suas atividades, o que proporciona um aprendizado mais dinâmico e engajador. Ao final de cada unidade, há seções denominadas "Consolidando o Conhecimento" e "Lendo", que propõem atividades utilizando diferentes tipos de linguagens comunicacionais, como mapas, textos, desenhos, tabelas, gráficos e charges. Esse tipo de abordagem pedagógica favorece a aprendizagem dos alunos e contribui para o desenvolvimento de habilidades em diferentes áreas do conhecimento que podem contribuir com a comunicação e a compreensão do conteúdo.

Para alcançar esse objetivo, como pondera Copatti (2020), é essencial considerar o que ensinar, por que ensinar e para quem ensinar. Portanto, o professor precisa ter o cuidado em desenvolver suas potencialidades e aplicar seus conhecimentos para contribuir significativamente com a consolidação dos saberes geográficos, que começa com a iniciação cartográfica desde os anos iniciais e mediar a relação do estudante, sua realidade e o livro didático usado como recurso para aprender Geografia, raciocinar e compreender o espaço em múltiplas escalas e sob distintos aspectos.

## Considerações Finais

Foi possível perceber que as representações cartográficas, e dentre elas principalmente os mapas, na medida do possível, trazem reflexões importantes e dialogam de forma contextualizada, o que pode possibilitar o desenvolvimento de habilidades que auxiliem na compreensão e interpretação do espaço geográfico. Desse modo, os autores do livro didático de Geografia analisado demonstram uma preocupação com a aprendizagem, na perspectiva de uma leitura crítica do espaço e de uma dinâmica que contribua para a construção de novos conhecimentos e reflexões sobre os fenômenos socioespaciais.

Dessa maneira, é importante reafirmar que as representações cartográficas, tanto nos livros didáticos quanto no ensino de Geografia e em outros componentes curriculares, precisam contribuir para que os alunos possam interpretar o espaço e construir gradativamente a sua autonomia de conhecimento, de modo que seja significativo e possam dar sentido ao que constroem por meio das indagações trazidas do cotidiano e mediadas pelo professor. Para tanto, é importante associar a Cartografia ao ensino de Geografia na perspectiva de desenvolver o pensamento espacial e o raciocínio geográfico e entender o mapa como uma das linguagens que contribuem para a construção de concepções de espaço e auxiliam o aluno a interpretar o mundo e ser o condutor de sua aprendizagem.

No entanto, é importante ressaltar que outros fatores também são essenciais para o sucesso do ensino da disciplina. O professor deve adotar metodologias que possibilitem a compreensão dos conteúdos pelos alunos, utilizando o livro didático como uma ferramenta de apoio e não como a única fonte de informação. Além disso, é necessário que as condições oferecidas para que o professor desempenhe bem suas funções sejam favoráveis. Isso inclui desde a estrutura física da escola, como salas de aula adequadas e equipamentos audiovisuais, até a formação continuada dos professores, para que estes estejam atualizados sobre as inovações na área de ensino de Geografia.

Em relação à escolha do livro didático, é importante que os professores de Geografia avaliem se as obras selecionadas correspondem às suas expectativas e atendem às necessidades dos alunos, levando em consideração a qualidade das informações apresentadas, as atividades propostas e a abordagem dos temas. O livro didático deve ser um aliado do professor, e não um obstáculo para o desenvolvimento do ensino de Geografia.

Nesse sentido, a análise de livros didáticos utilizados na realidade de tal município tem essa preocupação, por compreender esse como um material importante na sala de aula ao proporcionar acesso a um conjunto de representações, as quais precisam estar relacionadas ao conteúdo, ter qualidade e contribuir para a formação de conhecimentos cartográficos e geográficos dos estudantes.

## Referências

BRASIL. **Decreto-lei Nº 1.006**, de 30 de dezembro de 1938. Estabelece as condições de produção, importação e utilização do livro didático. Brasília: Diário Oficial da União, 5 jan. 1939. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-1006-30-dezembro-1938-350741-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 02 mai. 2023.

BRASIL. **Decreto-lei Nº 91.542**, de 18 de agosto de 1985. Institui o Programa Nacional do Livro Didático, dispõe sobre sua execução e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial da União, 20 ago. 1985. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1980-1987/decreto-91542-19-agosto-1985-441959-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso 17 abr. 2023.

BRASIL. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação - FNDE. **Programas do livro**: histórico. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro>. Acesso 17 abr. 2023.

BRASIL. **PNLD 2020**: geografia – guia de livros didáticos/ Ministério da Educação – Secretaria de Educação Básica – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2019, 150 p. Disponível: [https://pnld.nees.ufal.br/assets-pnld/guias/Guia\\_pnld\\_2020\\_pnld2020-geografia.pdf](https://pnld.nees.ufal.br/assets-pnld/guias/Guia_pnld_2020_pnld2020-geografia.pdf). Acesso 17 abr. 2023.

CALLAI, H. C. A Geografia e a escola: muda a geografia? Muda o ensino? **Terra Livre**, v.1, n.16, p.133-152, 2015. Disponível em: <http://agb.org.br/publicacoes/index.php/terralivre/article/viewFile/353/335>. Acesso 24 abr. 2023.

CAVALCANTI, L. S. **A geografia escolar e a cidade**: Ensaio sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. 3 ed. Campinas: Papirus, 2012.

CASTROGIOVANNI, A. C. Apreensão e compreensão do espaço geográfico In: CASTROGIOVANNI, A. C.; CALLAI, H. C.; KAERCHER, N. A. **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2008.

COPATTI, C. **Professor, livro didático e a autonomia docente: olhares sobre a docência em Geografia**. Curitiba: CRV, 2020.

DUARTE, R. G. A linguagem cartográfica como suporte ao desenvolvimento do pensamento espacial dos alunos na Educação Básica. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v.7, n.13, p.187-206, 2017. Disponível em: <http://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/493>. Acesso 13 abr. 2023.

FRANCISCHETT, M. N. A cartografia escolar crítica. In: Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia (ENPEG), **Anais [...] 2007**. Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/franschett-mafalda-cartografia-escolar-critica.pdf>. Acesso 25 nov. 2021. Acesso 13 abr. 2023.

JAQUES, J. L.; SOUZA, S. A.; SILVA, I. C. Potencializando o Raciocínio Geográfico Docente com a Cartografia Escolar. **Revista de Ensino de Geografia**, v.7, n.13, p.127-145, 2016. Disponível em: <http://www.revistaensinogeografia.ig.ufu.br/N13/Art9-v7-n13-Revista-Ensino-Geografia-Jaques-Souza-Silva.pdf>. Acesso 10 abr. 2023.

KATUTA, A. M. Representações cartográficas: teorias e práticas para o ensino de geografia. **Geografares**, n.4, 2003. Disponível em: <file:///D:/Meus%20Documentos/Downloads/1077-Texto%20do%20artigo-1243-1-10-20110323.pdf>. Acesso 10 abr. 2023.

MEC/FNDE. **Edital de Convocação para o processo de inscrição e avaliação de obras didáticas e literárias para o programa nacional do livro e do material didático**. PNLD 2020. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/consultas/editais-programas-livro> Acesso em: 10 abr. 2023.

PRADO, C. J. B. **O livro didático de geografia do 6. ao 9. ano do ensino fundamental: estudo da linguagem cartográfica sob o foco da formação da consciência espacial cidadã**. Curitiba: [s.n.], 2014, 257p. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Paraná, 2014. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/36874> Acesso 10 abr. 2023.

PRADO, C. J. B.; CARNEIRO, S. M. M. Livro Didático de Geografia: estudo da linguagem cartográfica. **Educação & Realidade**, v.42, n.3, p.981-1000, 2017. Disponível em: [https://www.scielo.br/j/edreal/a/w7v3tQKHGSwFBmNG8gXFzyk/?format=pdf&lang=pt\\_](https://www.scielo.br/j/edreal/a/w7v3tQKHGSwFBmNG8gXFzyk/?format=pdf&lang=pt_) Acesso 23 mar. 2023.

RICHTER, D. A linguagem cartográfica no ensino de Geografia. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v.7, n.13, p.277-300, 2017. Disponível em: <http://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/511>. Acesso 23 mar. 2023.

SANTOS, C. *et al.* A Cartografia e o ensino da Geografia. **Revista Geográfica de América Central**, v.2, n.47, p.1-15, 2011. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/714>. Acesso 23 mar. 2023.

SILVA, I. C.; PORTELA, M. O. B. BNCC: O ensino de geografia e a linguagem cartográfica. **Revista da ANPEGE**, v.16, n.30, p.39-54, 2020. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/12706>. Acesso 23 mar. 2023.

SILVA, J. B. A Teoria da Aprendizagem Significativa de David Ausubel: uma análise das condições necessárias. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, v.9, n.4, p.e09932803, 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/2803>. Acesso 28 abr. 2023.

SENE, E.; MOREIRA J. C. **Geografia Geral e do Brasil**, 6º, ano: ensino fundamental, anos finais. São Paulo: Scipione, 2018.

STRAFORINI, R. O ensino de Geografia como prática espacial de significação. **Estudos avançados**, v.32, p.175-195, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/152621/149092>. Acesso 18 ago. 2021. Acesso 28 abr. 2023.

ZUCHERATO, B.; ALBUQUERQUE, B. H. A Utilização de Representações Cartográficas em Materiais Didáticos de Geografia no Ensino Fundamental: Uma Análise Descritiva. **Revista da Casa da Geografia de Sobral (RCGS)**, v.22, n.3, p.40-56, 2020. Disponível em: <file:///D:/Meus%20Documentos/Downloads/716-Textodoartigo-2343-1-10-20201230.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2023.